

## GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Edna Maria Lopes da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo é uma pesquisa de cunho bibliográfico que surgiu a partir de experiências em salas de aula com os alunos do Ensino Médio. O objetivo é discorrer sobre o trabalho com gêneros textuais em sala de aula para uma educação antirracista a partir do entendimento de que a linguagem é determinada pelo momento histórico, contradições sociais e conflitos ideológicos. Neste sentido priorizou no estudo dos gêneros, a *hashtag* “Somos Todos Macacos”, publicada em 2014, devido a sua repercussão e impactos nas redes sociais, o que gerou a publicação de novos gêneros e contribuiu de certa forma para o debate sobre o tema do racismo. Procurou-se fomentar a leitura e reflexão do texto a partir dos elementos da textualidade, bem como, despertar no estudante a responsabilidade na leitura, interpretação e produção de texto para uma educação antirracista. Concluiu-se que o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula pelo professor de Línguas é riquíssimo e comporta um debate crítico e de forma interdisciplinar sobre uma educação antirracista tão necessária na escola, e principalmente, para a juventude do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Gênero textual, Textualidade, Antirracismo, Educação.

### INTRODUÇÃO

O texto como unidade de ensino e a diversidade de gêneros tem sido um tema recorrente na academia, nos cursos de formação e nos espaços escolares, desde final da década de 1990 quando foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN’s, em meio ao lançamento de uma série de estudos teóricos na Linguística e Sociolinguística. Enfatiza-se uma concepção de língua como atividade e adverte-se sobre uma concepção de língua como sistema homogêneo e abstrato em que o texto raramente é tomado como discurso.

Com a implantação dos PCN’s foi dada à escola a responsabilidade de criar condições para que o aluno desenvolvesse sua competência discursiva na interlocução. Segundo os PCN’s (1998) não é possível tomar como unidade básica do processo de ensino, atividades com análise meramente metalinguística, descontextualizadas, e que pouco tem relação com a competência discursiva. Nessa perspectiva é necessário contemplar nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros orais e escritos, em função de sua relevância social, tendo em vista a funcionalidade da língua, aproximando-a da realidade do aluno.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [medeia@yaho.com.br](mailto:medeia@yaho.com.br)

Tomando o texto como unidade de ensino e o trabalho com gêneros diversos, o nosso artigo parte do entendimento de que a linguagem é determinada pelo momento histórico, contradições sociais e conflitos ideológicos. Priorizou-se o trabalho com a *hashtag* *Somos Todos Macacos* com o objetivo de ajudar a refletir sobre uma educação antirracista para a promoção da equidade racial na escola e sociedade. Este tema foi escolhido por ser uma questão recorrente na sociedade e fundamental no trabalho em sala de aula no sentido de entender e refletir sobre mitos, contradições e desinformações existentes nas redes sociais que são tomadas e repassadas como verdadeiras.

Iniciaremos o nosso trabalho tentando abordar a importância do trabalho em sala de aula para uma educação antirracista, trazendo para a nossa reflexão os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (2000), a legislação sobre a política da Educação Étnico-Racial destacando a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, Artigo 26, e a Lei de Diretrizes e Bases LDB 9.394/96 em seu Art. 26.

No segundo momento priorizaremos as concepções de texto, textualidade e seus elementos e a importância na leitura e produção escrita que atendam a uma educação antirracista. Trabalharemos com a *hashtag* “Somos Todos Macacos” e outros gêneros que surgiram na mídia. Na última parte apresentaremos os resultados e discussões e as considerações finais com desafios e perspectivas para relações de uma educação étnico-racial.

## **EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Na educação escolar os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (2000) em seus temas transversais, trazem para o debate no ensino fundamental o tema: Pluralidade Cultural e diversidade de diferentes grupos e Orientação Sexual dos que convivem em território nacional frente às desigualdades econômicas fazendo uma crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira. Passadas mais de duas décadas podemos afirmar que este olhar era mais que oportuno, embora, pouco tenha sido trabalhado em muitas escolas do país por alguns, e ultimamente, meio a um conservadorismo sem precedentes, rumo a um discurso discriminatório aliado a *fake news* tem sido difícil de ser abordado em espaços escolares. Esse tipo de trabalho requer uma formação por parte dos professores e uma postura crítica de gestores e governantes. A Educação das relações étnico-raciais “[...] requer adoções de políticas educacionais que valorizem a diversidade, a fim de superar as desigualdades étnico-raciais presentes na sociedade” (BRASIL, 2004, p.11), mas não é apenas isto, requer também reparação para a educação dos negros, “[...] buscando a valorização do patrimônio histórico-

cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos” (BRASIL, 2004, p.11).

A Lei por si só é um progresso, mas decorre de muitos desafios, sendo assim, é importante destacar que o protagonismo do movimento negro nunca entendeu a Lei como algo que engessa ou normatiza e é necessário este protagonismo para fazer a crítica e formular demandas. Isso implica, necessariamente, em reformas educacionais, no reposicionamento de nossos educadores e de política de reconhecimento, de reparação.

A LDB 9.394/96 em seu Art. 26-A, destaca o seguinte:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Nasce a partir da luta do movimento negro a Lei 10.639/2003 que altera a Lei no 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A Lei 10.639/2003 acrescenta ao currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do tema “História e Cultura Afro-Brasileira”, determinando, também, que o calendário escolar inclua o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Depois a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, altera a Lei 10.639/2003 acrescentando a educação dos povos Indígenas.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir

desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Como se pode ver, as políticas de Educação Étnico-Raciais foram incorporadas em sua efetividade a partir do ano 2003, com a abertura do governo Lula para os movimentos sociais. Com todas estas mudanças a partir da Lei 10.639/2003 houve a necessidade de se ter professores com esta formação, um desafio que existe até hoje mesmo com os avanços. É preciso trabalhar para fazer com que essas Leis de fato cumpram o que consta no texto. Continuar com as Diretrizes (fundamentam a aplicabilidade dessa legislação) para que as mesmas cheguem de fato onde elas têm que chegar. Superar lacunas entre a lei e a sua eficácia. As políticas educacionais são essenciais para a manutenção e o lugar dessas pessoas (indígenas professores; antropólogos indígenas). Pensar nessa presença sem suprimir o encontro dos diferentes grupos.

## **TEXTUALIDADE E SEUS ELEMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Textualidade é um conjunto de características que fazem com que uma sequência linguística seja um texto e não uma sucessão de frases. Ou seja, características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto. Para isto, de acordo com Beaugrande e Dressler, (apud COSTA VAL, 1999), a textualidade deverá trazer sete fatores: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico; a intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, intertextualidade e informatividade que se relacionam aos fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Com o objetivo de construir uma prática profissional e pedagógica a partir da perspectiva do respeito à diversidade nesta parte do trabalho faremos a análise da *hashtag* “Somos Todos Macacos” lançada em 2014 pelo jogador Neymar Junior em seu Instagram. A análise terá como ponto de partida os elementos da textualidade quanto ao aspecto pragmático.

A *hashtag* “Somos Todos Macacos” surge em resposta ao episódio ocorrido no Estádio do El Madrigal na Espanha em 2014 durante o jogo entre o Villareal e o Real Madrid em que um torcedor atira uma banana contra o Daniel Alves que tem a iniciativa de descascar e comer como vemos na imagem abaixo. Episódios de desrespeito e de racismo vêm ocorrendo em vários lugares e na Europa não é diferente. Em apoio ao amigo, e certamente ao ato

considerado racista, Neymar Junior faz uma postagem em seu Instagram e lança a *hashtag* Somos Todos Macacos.

Figura 1 - Postagem de Neymar Junior na rede social Instagram em 27/04/2014



<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1095364>

O texto completo é composto pela linguagem verbal e não verbal, caracterizada pelo uso da imagem e caracteres utilizados nas redes sociais. Analisando todo o texto vemos que a imagem ajuda ao nosso entendimento, ou seja, nos remete ao que aconteceu na Espanha mostrando a reação de Daniel Alves ao ato racista e ofensivo situando também leitor. Ao fazer isto o autor do texto traz uma informação.

Na textualidade o elemento informatividade irá depender do conhecimento que o autor empreende dentro do texto para passar ao leitor. Mas não é só isso, a depender da informação, esta precisa ir além do senso comum e está relacionada a escolha do autor com relação ao gênero a ser desenvolvido. Diferente de uma mensagem divulgada no Instagram, um artigo científico, um artigo de opinião, uma redação do Enem, todos estes precisam ter dados suficientes, comprovados cientificamente para que o autor possa também argumentar e desenvolver suas ideias. Precisa apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o objetivo que o produtor pretende.

Ao informar, o autor faz a adequação do texto à situação comunicativa. Veremos mais adiante que a forma como o Neymar inicia a mensagem é aceitável para um texto do Instagram

e ao lado da imagem que como já fora falado reforça e ajuda no entendimento da comunicação naquele contexto, nas redes sociais, pois ele estava falando para seus seguidores. O contexto define o sentido do discurso, orienta tanto a produção quanto a recepção. Para iniciar um texto o autor deverá ter sempre claro para quem ele vai escrever, o que escrever e como escrever, estes são critérios básicos da situacionalidade. É pertinente lembrar que o autor é responsável pela informação que passa aos seus leitores e/ou seguidores das redes sociais.

Após falar um pouco sobre os aspectos informatividade e situacionalidade, iremos enfocar o texto escrito por Neymar Junior no seu Instagram e que está ao lado da imagem: Deeeeiou @danid2ois ... TOMAAAAA BANDO DE RACISTAS ...#SOMOSTODOSMACACOS e daí?

O texto acima é característico de um texto utilizado em redes sociais como o Instagram. Nele se utiliza: a expressão gírica “Deeeeiou”, que indica êxito ao ato de Daniel Alves, ao mesmo tempo indicando aprovar o ato; utiliza símbolos usuais da comunicação virtual tais como (@ #); textos curtos; letras maiúsculas e minúsculas; repetição de letras para enfatizar a ação etc. Mas não é só isto, do ponto de vista discursivo ele reconhece o ato racista da torcida espanhola quando escreve ‘BANDO DE RACISTAS’; quanto a #somostodosmacacos# o Neymar recontextualiza a ação de Daniel Alves como sendo em determinado nível de compreensão a de assunção (acolhimento, aprovação) de ser macaco em resposta a ação dos torcedores do Villareal quando ele questiona: E daí?”. O termo “Somos” (verbo ser na primeira pessoa do plural), indica que o ato racista não se tratou apenas de uma injúria contra Daniel Alves (individualmente), mas contra todas as pessoas negras”. Há Intencionalidade no texto, quando o Neymar mostra indignação ao ato e lança uma campanha. Existe um propósito comunicativo. A *hashtag* Somostodosmacacos colabora e se apresenta como antirracista e em defesa de Daniel Alves “TOMAAAAA BANDO DE RACISTAS” (PARINTINS LIMA, 2019, p.109).

Outro elemento importante do texto é a aceitabilidade, o foco sai do produtor do texto e vai para o leitor; ela só acontece quando o mesmo desenvolve algum tipo de compreensão do texto escrito, mas não apenas isto, a aceitabilidade depende de outros fatores tais como: a subjetividade de quem lê o texto; o conhecimento de mundo e princípios ideológicos; o entendimento da linguagem (técnica); a expectativa e perfil do leitor; da qualidade, pertinência e relevância da informação transmitida pelo produtor. Sendo assim, como a campanha teve bastante repercussão na mídia, houve aceitabilidade por parte de alguns e repúdio por parte de outros. Surgiram vários artigos de opinião, charges, tirinhas, letras de músicas, imagens, dentre outros gêneros.

Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros, que funcionam como seu contexto marcando assim o elemento da intertextualidade. A própria #somostodosmacacos é um intertexto que nos remete a “somos todos iguais”, neste sentido várias críticas surgiram com relação a esta afirmação: primeiro, ela possibilita ao entendimento de mesma origem evolutiva e, portanto, da mesma espécie biológica. Isto nos leva a perspectiva igualitarista - evoca o sentido de igualdade social contribuindo para construção da não igualdade. Do ponto de vista de uma perspectiva diferencialista, ser antirracista é lutar pela igualdade racial, que não é, no entanto, derivada automaticamente do “igual”. Lutar pela igualdade racial demanda respeito a diversidade, à igualdade de oportunidades e justiça social, melhor afirmando, equidade.

Na imagem abaixo temos um intertexto originado da campanha lançada por Neymar. A figura dois é representada pela #NÃO SOMOS TODOS MACACOS que faz parte de um ensaio escrito por Paulo César Ramos, colunista do site academia educação. O ensaio teve como objetivo discutir porque a campanha<sup>2</sup> contra a violência racial sofrida por Daniel Alves também pode ser considerada racista.

Figura 2 - # Não somos todos macacos



<https://www.academia.edu/>

Em meio a uma série de gêneros que nos chamou atenção, encontra-se também a charge abaixo. Tanto a figura mostrada acima quanto a figura que segue abaixo nos remete a outros textos. São gêneros que têm uma relação textual em que um texto cita outro com o objetivo de fazer-lhe uma crítica, ironia, humor, e/ou inverter ou distorcer suas ideias.

---

<sup>2</sup> Após Neymar, uma agência de publicidade contratada de Luciano Huck lança a campanha “Somos todos macacos” e coloca à venda uma camiseta. O texto do Paulo César Ramos é sobre esta campanha.

Figura 3 – Somos todos macacos? Dois pontos de vista sobre o caso



<https://cafecomsociologia.com/somos-todos-macacos-dois-pontos-de/>

A charge acima faz parte do conteúdo de um texto no blog café com sociologia escrito por Roniel Sampaio em 2014, intitulado: Somos todos macacos? Dois pontos de vista sobre o caso.

No primeiro tópico o autor justifica a visão daqueles que acham que a #somostodosmacacos ajuda a combater o preconceito; no segundo tópico o autor apresenta mais um ponto de vista e afirma que a campanha #somostodomacacos reafirma o racismo. A charge acima que se encontra na segunda parte do trabalho, constitui um intertexto riquíssimo para ser analisado e refletido em sala de aula.

Não é objetivo do nosso trabalho fazer uma análise das expressões do intertexto como produto ideológico, contudo, reafirmamos que os gêneros lançados a partir do que ocorreu e seus desdobramentos, com diferentes pontos de vista ajudam a refletir sobre o ocorrido a partir de um construto teórico filosófico, sociológico, contribuindo para estudar temas como o darwinismo social, determinismo geográfico, racismo por cor de pele, diferenças de classe, gênero e etnia. Ocasões como estas podem ser aproveitadas em sala de aula de escolas e universidades no trabalho pedagógico com o estudo dos gêneros textuais em uma perspectiva antirracista como sugere o próprio autor: “Não basta aderir as campanhas publicitárias estilo *flashmob*, é necessário transcender as *hashtags*: compreender a situação dos negros e pobres no Brasil e buscar soluções para que ela melhore” (SAMPAIO, 2014, p.2). Ele também lança alguns questionamentos:

Se os brasileiros aderiram com tanta facilidade a campanha, por que nossa sociedade ainda é tão racista? Por que a polícia mata mais negros que brancos? Por que os negros têm as menores rendas e os menores acessos a bens e serviços? O negro nos altos escalões de poder é regra ou exceção?

A *hashtag* que estudamos mostra como novos gêneros que vêm surgindo nas redes sociais são ricos para o debate em sala de aula, do ponto de vista da textualidade quanto do ponto de vista discursivo que faz uma análise das expressões do texto.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com os gêneros textuais e o tema do antirracismo é bastante necessário para ser trabalhado em sala de aula, ele faz parte da nossa vida, da nossa cultura, da nossa história. É um tema importante, interessante e que necessita ser trabalhado de forma contínua e interdisciplinar nos espaços escolares. Abre espaço para o trabalho sobre a origem e evolução do homem, sobre o mito da democracia racial, sobre preconceito, sobre o conceito de igualdade e equidade, sobre a diversidade. Abrange diversas áreas: História, Filosofia, Língua Portuguesa, Sociologia, Geografia, Biologia, Artes etc.

Através da campanha lançada por Neymar com a *hashtag* Somo Todos Macacos foi possível perceber: a reprodução do racismo (igualitarista); evocação da representação do negro de forma racista colocando-o numa posição subalterna/inferior, desumana, em relação ao branco; a admissão/naturalização/aceitabilidade social do racismo ao evocar a representação do negro como macaco; a não promoção direta de um debate aprofundado sobre o racismo e sobre a realidade do negro brasileiro (PARINTINS LIMA, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que ainda teremos muitos embates, desafios e perspectivas. Portanto, é preciso romper com esse projeto inculcado com o mito da democracia racial. Só descolonizando o pensamento, trabalhando em prol de uma ciência intercultural e descolonial, é possível superar a matriz monocultural, não negra e não indígena e considerar a riqueza e a contribuição da diversidade. Nos espaços escolares, é necessário romper com os equívocos históricos desde educação infantil e voltar o olhar para a formação do professor inicial e continuada. Para que isto aconteça alguns desafios irão surgir, mas não sem perspectivas. É importante legitimar todas as vozes, opinar, reagir à elaboração do material didático, fazer a adequação curricular; é imprescindível políticas públicas e ações afirmativas (Cotas) para que sigam sendo oferecida a igualdade de oportunidades e permanência às pessoas negras e indígenas em espaços institucionais nos cargos de comando e como estudantes (Lopes, apud MUNANGA, 2005).

Conclui-se que o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula pelo professor de línguas é riquíssimo e comporta um debate crítico e de forma interdisciplinar sobre uma

educação antirracista tão necessária na escola, e principalmente, para a juventude do Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf) Acesso em: 10 out.2023.

BRASIL. **Lei Nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <  
[https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei\\_10639\\_09012003.pdf](https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf)>. Acesso em: 25 out.2023.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <  
[https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei\\_11645\\_100308.pdf](https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_11645_100308.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamenta. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural; orientação sexual**. Secretaria de Educação fundamental. 2. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação & Textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LOPES, V. N. Racismo, Preconceito e Discriminação. In. MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. UNESCO, MEC, BID. 2005. P. 187-206. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf) Acesso em: 20 nov. 2021.

PARINTINS LIMA, Rafahel Jean. **A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos**. Tese (Doutorado). Campinas, São Paulo, 2019. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

RAMOS, Paulo César. **Não Somos todos Macacos. Porque a campanha contra a violência racial sofrida por Daniel Alves também pode ser considerada racista**. Disponível em:  
<https://www.academia.edu/> Acesso em: 10 nov. 2023.



SAMPAIO, Roniel. Somos todos macacos? Dois pontos de vista sobre o caso. **Blog café com sociologia**. Abril 30 -2014. Disponível: <https://cafecomsociologia.com/somos-todos-macacos-dois-pontos-de/> Acesso em: 10 nov. 2023.